

Discurso do Pe. Aldo Marchesini

"Quando deres um banquete..."

Discurso do Pe. Aldo Marchesini, pronunciado em Brescia, em 06 de Outubro de 2001, ao receber o prémio "Cuore Amico", atribuído anualmente a um sacerdote ou a uma irmã que se distinguiram pelo seu trabalho ao serviço dos mais pobres.

Há frases da Sagrada Escritura que, por vezes, nos acompanham pela vida inteira, ficando a ressoar no coração ao longo dos anos, como acontece com os temas musicais de certos filmes. Um dia, Jesus disse a um fariseu rico que o tinha convidado para comer em sua casa: "Quando deres um banquete, convida os pobres, os cegos, os coxos; e serás feliz por eles não terem com que te retribuir".

Penso que poucas palavras de Jesus sejam tão actuais como estas, na vida missionária de todos os dias. A felicidade que se descobre não é aquela que se poderia imaginar: não consiste no sentir-se desinteressado ou magnânimo, rico na misericórdia e no desinteresse. A felicidade consiste no descobrir que até nós, que preparamos a mesa, somos criaturas de mãos vazias, como os nossos convidados, e que a coisa mais bonita do banquete não é que nós possamos matar a fome a qualquer indigente. A felicidade consiste só no facto de que eles e nós comemos juntos a mesma comida. O facto de eles não terem nada com que retribuir, é a grande recompensa que o Senhor nos dá, através deles: o dom de tornarmo-nos conscientes de que não há nada que deva ser retribuído, pois tanto nós como eles somos todos pobres à nossa maneira e o banquete que lhes oferecemos não é senão o cumprir aquilo que era nosso estrito dever cumprir.

Gostaria de ilustrar com algumas pequenas histórias a verdade destas palavras de Jesus.

O primeiro episódio acontece no Uganda, pouco depois da minha chegada a terras de missão. Encontrava-me no hospital de Kalongo, aonde tinha ido para aprender a operar. Ia a passar diante da sala de pediatria, quando ouvi uma irmã chamar. Era um pequenino com *tosse convulsa* - a "tosse má", segundo a expressão popular - que justamente naquele momento tinha um ataque tão terrível e intratável que metia medo.

Que fazer? Senti-me impotente. Peguei no pequenino e sentei-me na cama: ele teria cerca de um ano. De vez em quando, conseguia fazer uma inspiração, com um sibilo desesperado, como de quem está para morrer asfíxiado. Procurei colocar-lhe o oxigénio, com a ajuda da irmã. Teve um outro ataque de tosse. Não conseguia mais parar. Agitava-se todo, seguro pelas minhas mãos; a sua língua estava a ficar cada vez

mais roxa. Como ajudá-lo? Impossível. Senti o seu corpo tornar-se mole e a tosse diminuir, até parar. Não houve mais nenhuma nova inspiração. Estendi-o na cama, para fazer-lhe respiração boca a boca. Fiz-lhe massagem cardíaca. Nada. A criança estava morta.

Era a primeira pessoa que eu via morrer na minha vida, e tinha morrido nas minhas mãos. Era mesmo a primeira vez que eu procurava salvar alguém da morte. E não tinha conseguido. Não disse uma palavra. Quando me dei conta de que a criança tinha expirado, fiquei ali inteiriço a olhar a irmã. Também ela estava muda. Senti um choro reprimido: era a irmã mais velha da criança, que se aproximou, tomou a criança e colocou-a às costas, dentro daquele pano típico que usam as mulheres africanas. Baixou-se para recolher uma trouxa que continha todas as suas pobres coisas e, sem dizer uma palavra, chorando em silêncio, tomou a direcção da sua casa.

Alguns anos mais tarde, encontrava-me no Songo, em Moçambique. Era o único médico: devia ocupar-me de todos os casos. À secção dos tuberculosos tinha chegado, alguns dias antes, um rapaz de cerca de vinte anos, reduzido a um esqueleto ambulante. Chamava-se Mateus. Tossia muito e a tosse parecia ressoar, dentro daqueles pulmões. De vez em quando, expectorava sangue. As suas forças abandonavam-no progressivamente. Falava com um fio de voz e era claro que estava já no fim.

Uma manhã, mandou-me chamar e sussurrou-me ao ouvido: "Irei sobreviver?" Depois, ajuntou: "Sou cristão. Queria comungar". Eram os anos sombrios da revolução. As autoridades tinham mandado fechar a igreja do Songo e eu próprio tinha esvaziado o tabernáculo, transferindo a Eucaristia para minha casa. Tinha sido proibido de celebrar missa em casa na presença de fiéis. Era proibido realizar qualquer acto de culto fora da igreja. O Natal era um dia de trabalho como outro qualquer.

"Está bem" - disse-lhe. "Queres confessar-te e receber, também, a unção dos doentes?" Fez-me sinal que sim. Confessou-se logo. Por causa do seu grave estado, eu tinha-o instalado num quartito com uma única cama. No intervalo do meio dia, levei-lhe o Senhor e celebrei o sacramento dos enfermos. Ninguém viu, ninguém soube nada.

Passei a cumprimentá-lo antes do jantar, antes de voltar para casa. Estava contente, apesar de me ter confidenciado que os pais tinham já morrido e que os outros familiares não se interessavam por ele há já um certo tempo. Estava só no mundo. Respondi-lhe que seríamos nós, no hospital, a tomar conta dele. Cumprimentou-me em silêncio com a mão.

À meia noite tocou o telefone da minha mesinha de cabeceira. Era a enfermeira: "Parece-me que o Mateus está a morrer...". Levantei-me logo e corri para vê-lo. Sabia que era inútil e que de manhã estaria cheio de sono, mas corri na mesma. Tinha-me tornado a única pessoa no mundo que contava qualquer coisa para ele. Quando entrei no seu

quarto, já estava morto. Mateus tinha morrido só. Apesar de tudo, compreendi que o facto de ter corrido para vê-lo, era a coisa mais importante que eu tinha podido fazer por ele.

Kátia era uma jovem mãe de Quelimane. Poderia ter, no máximo, dezoito anos. Tinha sido hospitalizada com uma peritonite muito avançada. Chegou durante o meu turno de urgência e operei-a eu próprio. De repente, dei-me conta de que o seu estado era gravíssimo. Apesar disso, a operação correu bem. Mas, dois dias depois, teve uma recaída: dores violentas, febre muito alta, sintomas de septicemia: o baço tinha já começado a entrar em necrose (NT: "necrose" é a morte de células, tecidos ou parte de um órgão, devido a infecção ou a perturbações de irrigação sanguínea). Tirei-lho e fiz-lhe, de novo, a lavagem da cavidade abdominal. Na sala de reanimação, o seu estado continuava muito grave. A febre rondava os quarenta graus e a consciência estava cada vez mais enevoada. Tinha deixado uma abertura no seu lado esquerdo para fazer lavagens. Andei a vigiá-la nas horas seguintes. No dia seguinte, entrou em coma. Estava indeciso em relação a voltar a operá-la uma terceira vez; mas ela estava tão mal, que certamente não teria resistido ao trauma operatório. Continuei com antibióticos, soro e vigilância muito apertada. Com grande tristeza, via-a fugir-me das mãos. Já estava há dois dias em coma profundo. Compreendi que devia resignar-me a vê-la morrer.

Na manhã seguinte, às sete horas, com grande surpresa de todos, começou a recuperar a consciência. Pouco a pouco continuou a melhorar, até que, três semanas depois, pudemos declará-la fora de perigo. Voltou à sua casa. Como fez para se curar? Nunca o saberei.

Uma vez, chegou ao hospital um menino de três anos, chamado António. Tinha um grande tumor no lado esquerdo. Era um tumor de Wilms, um tumor maligno do rim, típico das crianças. Se for operado a tempo, há hipóteses de cura. Expliquei à mãe que o risco de morte para o seu filho, durante a operação, era elevado; mas, se o rim fosse extraído por completo, existiam boas esperanças. Aceitou. Assim, com temor e tremor, operei o pequenino. A operação durou três horas e foi bastante complicada. Mas, no fim o rim saiu. Esperamos na sala de operações ainda durante uma hora. Tudo bem. Enviei-o para a enfermaria. Depois de terminado todo o programa operatório, passei a vê-lo: normal. Voltei após o jantar, e ainda mais tarde, antes de dormir. Podia já pensar que tudo tinha corrido bem.

Tinha adormecido há pouco tempo, quando o telefone tocou. "Doutor, corra! O António está mal!" Precipitei-me para o hospital. Quando cheguei, o António já não respirava. Massagem cardíaca, respiração artificial: nada a fazer. O António estava morto. Tirei o estetoscópio dos ouvidos e cruzei o olhar com a mãe do António. Ela compreendeu, de súbito, e deu um forte grito, começando a chorar em voz alta. As outras mães olhavam-me. Algumas tinham saído da enfermaria ao lado. Eu

estava extremamente abatido. Mas o que era a minha dor, diante da dor da mãe do António?

No Songo, houve um ano em que vivi só. Alguns meses mais tarde, o Pe. Antonio Losappio ofereceu-se para vir fazer comunidade comigo. Chegou no dia em que foi eleito o papa João Paulo II. Era já noite. Não tinha aceitado dormir em Tete. Apenas desembarcado do avião, tinha convencido um padre comboniano a levá-lo directamente ao Songo. O Pe. Antonio, homem das decisões radicais era, de facto, assim.

Vivemos juntos durante dois anos. Ele esperava sempre que eu voltasse para comer comigo, ao meio dia e à noite, fosse qual fosse a hora a que eu chegasse a casa. Recitávamos juntos o breviário. Eu era muito desafinado; mas quando ele entoava com a sua voz de barítono o gregoriano "Usualis", eu ia atrás dele sem medo. Recordo-me da vigília pascal desse ano em que fecharam a igreja e proibiram que um só fiel participasse na nossa missa doméstica. Quisemos celebrá-la com a máxima solenidade. Acendemos o fogo no jardim e entramos em procissão, um atrás do outro, cantando "Lumen Christi": o Pe. Antonio começou o "Exultet" e prosseguiu com as antífonas e os responsórios. Lemos todas as sete leituras e cantamos tudo o que havia para cantar. Nem em São Pedro, em Roma, houve mais solenidade.

Depois de algum tempo, o Pe. Antonio descobriu que tinha um tumor maligno bilateral nos pulmões. Voltamos a Itália. Tratou-se, mas com uma esperança de vida de poucos meses. Pediu e obteve poder voltar a Moçambique, para acompanhar-me na vida comunitária e para morrer em África. Desejava que o seu corpo fosse sepultado nessa terra em que tinha vivido, e à qual tinha devotado a sua vida.

Parecia-lhe não ter feito nada durante a sua vida; mas acreditava com todas as suas forças que, ao morrer e ao fundir-se com a terra de Moçambique, como um grão de trigo, pudesse tornar-se um bem nas mãos da onipotência misericordiosa de Deus.

Nos últimos meses, não conseguia já deitar-se: sentia-se sufocar. Ficava sempre sentado numa poltrona. Celebrávamos a missa antes das quatro da manhã, porque depois dessa hora, ele não conseguia aguentar as dores e devia tomar calmantes. Queria celebrar a missa lúcido. Nos últimos dias, não tinha já força para levantar a cabeça. Ficava sempre com o queixo encostado ao peito. Tinha mandado pendurar na parede em frente a ele um crucifixo fosforescente, para o qual dirigia o olhar para receber força. Mas, ultimamente, nem sequer conseguia vê-lo. Morreu pouco antes da meia noite. Numa certa altura levantou a cabeça - assim o contou o Pe. Renato que o assistia - e conseguiu olhar na direcção do crucifixo. E, nesse instante, morreu.

Reflecti muito sobre este *nada* de que é tecida a minha vida de médico dos corpos e das almas. Os silêncios ultrapassam infinitamente as palavras. A morte e a vida são muito mais poderosas do que a minha frágil obra. Mas abriu-se-me uma janela e pareceu-me haver

descoberto um sentido para tudo isto, um sentido pelo qual vale a pena continuar. Ajudou-me uma passagem da segunda carta de Paulo aos Coríntios: "Cristo, sendo rico, fez-se pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza" (2 Cor 8,9). Ele fez-nos ricos nesta terra, não tanto com a sua riqueza divina, mas com a sua pobreza - isto é, com a sua renúncia ao poder de Filho, vindo para ficar connosco em pobreza total. A nossa riqueza consiste nisto: que no meio de nós, os pobres, tenha vindo habitar o Filho de Deus, Cristo Jesus, pobre como nós. E quis ficar pobre e impotente até ao fim, morrendo sem glória e quase sem amigos sobre uma cruz, tendo abandonado tudo nas mãos do Pai.

Enquanto estivermos nesta terra, a nossa verdadeira e única riqueza será a de sermos participantes da pobreza de Cristo; e o único meio para salvarmos os outros, será oferecer-lhes a nossa pobreza. Esta pobreza é simples: consiste no instalarmo-nos na mesma esteira, juntamente com os nossos irmãos, sem pretender ter nada para oferecer, além da nossa solidariedade e no entregar toda a salvação à onipotência misericordiosa e infalível de Deus Pai.

Aldo Marchesini, scj